

COMMUNICATION CAFÉ: UM PROJETO DE EXTENSÃO, SEUS TEMAS E HISTÓRIAS

Clarissa Costa e Silva (Prof. Mestre/UESB)

Resumo: Este artigo objetiva narrar e analisar aspectos ligados aos tópicos de partida dos encontros de conversação em inglês do projeto de extensão *Communication Cafe*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. O *Communication Cafe* é um grupo de conversação em língua inglesa que visa o desenvolvimento e/ou prática da produção oral desta língua estrangeira e tem como público alvo alunos, funcionários e visitantes desta universidade. Neste trabalho, dois tópicos selecionados aleatoriamente pela professora coordenadora/monitora deste projeto de extensão serão analisados a partir da apresentação e discussão dos tópicos selecionados. Esta análise será feita com base na perspectiva teórico metodológica da pesquisa narrativa (CONNELLY; CLANDININ, 2000), na qual a experiência ocupa lugar central. Espera-se que este estudo saliente a importância dos tópicos de partida de aulas ou espaços de conversação em inglês, contribuindo assim com discussões sobre o processo de aprendizagem desta língua.

Palavras-chave: *Communication Cafe*, temas, comunicação, pesquisa narrativa

INTRODUÇÃO

O *Communication Cafe* é um projeto de extensão da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordenado por mim, autora deste artigo e professora desta instituição. Este projeto de extensão visa criar oportunidades para o desenvolvimento e/ou prática da habilidade de expressão oral na língua inglesa dos seus participantes. Os encontros do grupo são semanais e os temas selecionados para a abertura da conversação nos encontros são ligados a algum país falante de língua inglesa em contraposição à realidade brasileira. A seguir, apresento o objetivo geral deste artigo.

OBJETIVO GERAL

Neste artigo, objetivo narrar e analisar aspectos ligados aos tópicos de partida selecionados para iniciar as discussões nos encontros do *Communication Cafe*.

A seguir, apresento os objetivos específicos deste estudo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar os tópicos de partida selecionados para dois encontros do *Communication Cafe* e analisar o contexto de escolha de cada um a partir do relato de experiência;

- Analisar narrativamente e criticamente a relevância desses tópicos para o ambiente em questão.

Tendo em vista esses objetivos de estudo, optei por utilizar o método de estudo e interpretação dos dados da pesquisa narrativa (CONNELLY; CLANDININ, 2000). Dada a perspectiva da pesquisa narrativa, que fundamenta este estudo, a minha voz como professora/coordenadora deste projeto de extensão aparecerá e, possivelmente, servirá para informar sobre a relevância dos tópicos de partida das discussões no *Communication Cafe* e aspectos relacionados.

A ideia de criação do *Communication Cafe* surgiu a partir de minhas experiências profissionais enquanto professora de inglês em escolas regulares de ensino e, mais recentemente, no âmbito do ensino superior. Pude perceber que há a necessidade de espaços de conversação em inglês autênticos, isto é, em que os(as) participantes possam se expressar na língua estrangeira sem a existência de um '*script*' ou plano e, em colaboração com os outros sujeitos deste espaço, construir seus próprios processos de aprendizagem e este espaço de interação em si.

Apesar do ambiente da sala de aula de língua inglesa ter como objetivo desenvolver múltiplas habilidades (leitura, escuta, escrita e oralidade), visando o aprimoramento da competência comunicativa dos(as) estudantes, conforme previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2000) e também em muitas ementas de cursos de língua inglesa ofertados no ensino superior, muitas vezes as atividades que visam o desenvolvimento da habilidade de expressão oral dos(as) estudantes ocupam pouco lugar, ou até mesmo, nenhum espaço nas aulas práticas. Considerando a realidade educacional

brasileira, pode-se dizer que, dentre outras razões, isso se deve a falta de estrutura física em alguns contextos de ensino, turmas cheias, carga horária reduzida, planejamentos extensos, prazos, etc.

Tendo em vista estes desafios, entendo ser importante que busquemos de algum modo, enquanto professores de inglês, incluir e criar espaços de conversação dentro e/ou fora de nossas salas de aula, pois esta experiência poderá auxiliar nossos(as) alunos(as) e alertá-los sobre suas responsabilidades de aprendizes autônomos (FREIRE, 1996). A seguir, apresento a justificativa deste estudo.

JUSTIFICATIVA

Apesar do *Communication Cafe* não se caracterizar como uma aula de inglês, mas como um espaço de conversação aberto a comunidade acadêmica, entendo que este estudo possa levantar informações importantes acerca da necessidade de inclusão e planejamento de atividades que possam propiciar aprendizes oportunidades para a prática e/ou desenvolvimento da oralidade na língua estrangeira. Além disso, aspectos relacionados a este espaço de conversação e as interações que nele ocorrem, mais especificamente como pretende este estudo, a análise dos tópicos de partida dos encontros, pode nos fazer pensar sobre o lugar e a importância dos temas que orientam nossas aulas de inglês.

Segundo Scovel (2001), a aprendizagem de uma língua estrangeira é influenciada por cinco domínios ou esferas, que ele cunhou no termo PLACE: *People, Language, Attention, Cognition and Emotion*, em português, PLACE: Pessoas, Língua, Atenção, Cognição e Emoção. Esses domínios se constituem em fatores que podem influenciar aprendizes de uma língua estrangeira tanto de forma positiva como negativa. Como este estudo procurou investigar aspectos ligados aos tópicos iniciais de discussão que nortearam os encontros do projeto de extensão *Communication Cafe*, percebo que este espaço é permeado por esses domínios, conforme aponta Scovel (2001). Portanto, a seguir, apresento uma discussão mais detalhada acerca desses domínios que podem influenciar o processo de ensino aprendizagem de uma língua estrangeira.

1. DISCUSSÃO TEÓRICA

Uma história de Oliver Wendell Holmes, escritor e professor de medicina do século dezenove, conta sobre a ocasião em que ele caminhava na praia numa tarde e de como espiava uma garotinha brincando na areia. Admirado pelo espontaneidade da criança, ele decide senta-ser e unir-se a ela na brincadeira. Eles se divertiram juntos, o famoso jurista e a pequena criança, mas o sol se punha e a garotinha percebeu que era hora de ir embora. Quando ela se preparava para sair, Holmes assume novamente sua postura séria e a instrui da seguinte maneira: “quando você chegar em casa, lembre-se de dizer a sua mamãe que voce brincou com o Professor Oliver Wendell Holmes”. No mesmo instante, a garotinha o respondeu com igual seriedade: “E quando você chegar em casa, lembre-se de dizer a sua mamãe que voce brincou com Mary Ann Smith! (In: SCOVEL, 2000. Tradução minha. Original nas Notas Finaisⁱ)

Início a discussão teórica deste estudo com essa história, com a qual Scovel (2000) inicia o segundo capítulo de seu livro *Learning New Languages*, no qual ele discute a força/interferência das pessoas no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Aspectos ligados a perspectiva behaviorista são discutidos, segundo Vygotsky (1962), uma vez que nesta perspectiva acredita-se na relação do aprendiz mais experiente influenciar um aprendiz menos experiente e, neste processo, construir seus processos de aprendizagem.

Segundo Scovel (2000) aponta, “as pessoas são uma ponte entre o mundo das crianças e o novo mundo linguístico delas” (Notas Finaisⁱⁱ). Conforme vemos na história do professor Oliver e Mary Ann, o par mais experiente, no caso o professor, utiliza de todos os seus recursos discursivos a fim de atingir o objetivo de que a pequena garotinha fizesse saber a sua mãe que ela havia tido a grande honra de brincar com o ilustre professor naquela tarde. Enquanto isso, utilizando-se dos mesmos recursos discursivos e o mesmo tom ilustre e sério, a garotinha tinha como objetivo que o professor fizesse saber a sua mãe que ele havia brincado com ela, Mary Ann, assumindo assim um mesmo status de importância que ele. Entretanto, a afirmativa da garotinha os colocava em um mesmo nível de importância: o de ser criança, de brincar juntos.

Penso que essa reflexão acerca do quanto as pessoas podem influenciar umas as

outras em seus processos de aprendizagem de uma língua estrangeira é bastante relevante para a área de estudos da linguística aplicada. Segundo Lopes (1996), os estudos em linguística aplicada devem colaborar para a construção de um conhecimento que auxilie a compreensão das interações humanas em seus diversos modos, colaborando assim para o papel social da pesquisa nesta área de estudo. Como Scovel (2000) também discute, entendo que as interações humanas se formam a partir do papel que cada um desempenha e de como nos engajamos nessas interações. E através desse processo de troca que as interações se concretizam e ganham formas por meio das escolhas linguísticas e pragmáticas que fazemos.

Conforme diz Fiorin (1997), língua é um mecanismo complexo presente na humanidade e interfere nesta, assim como a humanidade interfere na língua. Um processo verdadeiramente complexo, mas dada a natureza deste estudo, faz-se relevante mencionar a visão de língua como sócio-circunstanciada: a de constituição identitária. Isto é, a língua como aquela que nos constrói enquanto falantes e nos constitui enquanto seres humanos (CELANI, 2006) pertencentes a nossa comunidade local, mas também global. Em entrevista a Revista Nova Escola, a professora e pioneira dos estudos em linguística aplicada no Brasil, Prof. Dra. Maria Antonieta Celena (2002) respondeu que uma das razões para aprendermos uma língua estrangeira é que “a língua confere uma formação global ao indivíduo”, o que nos remete novamente a essa concepção de língua que vai além das fronteiras e se torna ponte de acesso ao conhecimento.

Já que fazemos parte deste cenário complexo, entendo que faz-se interessante pensarmos sobre nossos papéis e nossos poderes enquanto falantes e/ou aprendizes de uma língua estrangeira. Afinal, fazemos parte de uma comunidade local de falantes, mas vivemos num mundo globalizado, em que hoje se discute a existência de *Global Englishes*, isto é, as diferentes variáveis de uso da língua inglesa que pessoas advindas de diferentes países, ou até mesmo de um mesmo país, utilizam. Mas, novamente, levando em consideração a questão de vivermos em uma sociedade cada vez mais globalizada e extratificada, em que assumimos posições *x* ou *y* pelo lugar onde moramos, trabalhamos, estudamos, etc., como lidar com as diferenças e qual a interferência que essa sociedade pode trazer ao processo de aprendizagem de uma língua estrangeira?

De acordo com Shumam (1978), e sua pesquisa sociológica do processo de aquisição de uma segunda língua, pode ocorrer o processo de aculturação. Conforme ele mesmo discute, o processo de aculturação indica uma certa “distância social” entre os falantes e esta distância acaba por sujeitar o falante de posição menos privilegiada, a uma condição em que ele não se sentirá motivado a aprender a segunda língua. Apesar de ser esta uma perspectiva teórica ambiciosa, Scovel (2000) nos diz que, apesar das diferenças sociais se constituírem como um fator que pode interferir no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, ele não é fator dominante (mas exceção, segundo o autor).

Mais importante, como vimos com a perspectiva do PLACE, adotada neste livro, a aprendizagem de uma língua é muito mais do que um fenômeno econômico ou social; e mais significativamente determinada por fatores sócio-psicológicos. Isso significa dizer que “distância social” é melhor medida por medidas internas, tais como nossas atitudes frente aos falantes e a sociedade daquela comunidade linguística que estamos tentando aprender, ao invés de variáveis externas, tais como classe sócio-econômica. (In: SCOVEL, 2000. Tradução minha. Original Notas Finaisⁱⁱⁱ).

Deste modo, percebemos que todo o contexto do aprendiz deve ser levado em conta ao analisarmos quem fala, de onde fala, mas principalmente como fala. Seu processo de aprendizagem de uma língua estrangeira é, mais especificamente, um processo permeado por escolhas pessoais, pelo seu modo de lidar com a língua alvo e tudo isso em relação a aquela comunidade de falantes. Portanto, língua e pessoas influenciam e formam, mas também informam sobre o próprio aprendiz e o por que de suas escolhas e de seu desempenho em uma língua estrangeira.

Entendo ser interessante para esse estudo a discussão teórica aqui levantada, uma vez que ao analisar o espaço de conversação do *Communication Cafe*, estamos olhando para um espaço constituído e construído por pessoas, pelo uso que fazem do inglês como língua estrangeira, e suas escolhas.

A seguir, apresento alguns aspectos metodológicos relacionados a este estudo.

2. METODOLOGIA

Na realização e desenvolvimento deste estudo, a perspectiva teórico-metodológica da pesquisa narrativa, segundo Connelly e Clandinin (2000), fundamentou o mesmo e forneceu ferramentas importantes para uma análise do objetivo de estudo em questão. A seguir, discuto sobre a abordagem da pesquisa narrativa.

2.1 pesquisa narrativa: uma abordagem humanista e os procedimentos desta pesquisa

A pesquisa narrativa, segundo Connelly e Clandinin (2000), oferece uma abordagem qualitativa de pesquisa fundamentada principalmente nas experiências de pesquisador(a) e/ou participantes. Segundo esses mesmos autores, as experiências tem lugar central na pesquisa e, portanto, devem aparecer e serem estudadas de modo sistemático.

O pesquisador não é visto como um ser a parte, que apenas observa e registra as experiências de pesquisa, mas como um sujeito ativo, que tem voz e ocupa espaços dentro e fora do contexto de pesquisa. Portanto, sua voz aparece na pesquisa, assim como faço neste estudo fundamentado nesta perspectiva teórico-metodológica. Os participantes, assim como o pesquisador, ocupam lugar importante. Neste estudo, como o foco e a análise dos tópicos de partida dos encontros do *Communication Cafe*, e o processo que orientou as escolhas desses e aspectos relacionados, as vozes dos outros participantes desse grupo de conversação em inglês não aparecerão. Entretanto, saliento que estas podem aparecer em estudos futuros, já que assim como eu, professora/coordenadora e participante desse grupo, os outros participantes experimentam e percebem suas experiências de modos particulares e estas podem informar acerca de fatores importantes para a área de estudo de línguas estrangeiras.

Como a pesquisa narrativa oferece essa possibilidade de um olhar holístico de todo o contexto e configuração do espaço de pesquisa e isso faz sentido para mim, enquanto professora/pesquisadora, optei por adotar esse método de estudo. A fim de sistematizar os procedimentos utilizados para a composição deste estudo, apresento abaixo informações que

compõem este estudo e como esses aspectos serão abordados, segundo a perspectiva que o fundamenta.

- Participantes: Professora/coordenadora do projeto de extensão *Communication Cafe*.
- Instrumentos de pesquisa: Dois diários, escritos pela professora/coordenadora e participante do projeto de extensão em foco neste estudo, após o término de cada encontro do grupo.
- Processo de estudo das experiências: fundamento da pesquisa narrativa, em que as experiências tem lugar central. E, com base na composição de sentidos, segundo Ely, Down, Vinz e Anzul (1997).
- Contexto de pesquisa: Uma sala de aula da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde semanalmente, acontecem os encontros do projeto de extensão *Communication Cafe*, que tem como público alvo a comunidade acadêmica em geral.

Conforme expressei acima, o contexto e os aspectos relacionados ao espaço do projeto de extensão *Communication Cafe* oferece inúmeras possibilidades de leituras e, a que será apresentada neste estudo focará especialmente no que diz respeito ao processo de seleção dos tópicos de partida dos encontros, objetivo deste estudo. Como descrito acima, a utilização dos diários escritos por mim servirá para trazer a experiência para o centro deste estudo. A análise desses diários será feita de modo interpretativo/subjetivo, a partir do estudo dos diários apresentados e da composição de sentidos destes. Apesar do foco do estudo ser os tópicos de partida dos encontros deste projeto de extensão, o contexto de pesquisa que possibilitou a escrita desses diários também faz parte da experiência. A seguir, a discussão das experiências dessa pesquisa.

3. DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir deste momento, apresento neste estudo os diários escritos por mim, professora/coordenadora e participante do projeto de extensão *Communication Cafe*, a fim de

discutir e analisar cada escolha dos temas de abertura de dois encontros deste grupo de conversação. Novamente, o objetivo de apresentar e discutir sobre esses tópicos de abertura dos encontros é analisar o contexto de escolha de cada um a partir do relato de experiência e a relevância desses tópicos para o ambiente em questão. Possivelmente, esse estudo levantará reflexões importantes acerca da importância de preparação para a realização de atividades similares ou mesmo com relação as aulas práticas de inglês como língua estrangeira.

3.1 tema do encontro: copa do mundo de 2014 (2014 world cup)

Hoje tivemos como tema central de discussão as notícias que circularam na mídia internacional sobre a Copa do Mundo no Brasil. Em particular, o que diziam do nosso país, como diziam, e o que nos achávamos de tudo isso. Como ponto de partida, trouxe para a sala o título de uma reportagem do site da BBC, em que questionavam a onda de protestos antecedendo a data de início da Copa. Outros participantes levantaram outras questões que também haviam visto circular na mídia internacional. Um falou de um manual para o turista estrangeiro que a FIFA disponibilizou com informações sobre alguns aspectos, que para eles, se relacionavam a nossa cultura (assaltos, filas, demora dos ônibus, etc.). Outro participante mencionou sobre a precariedade das traduções em inglês de nomes de cidade, placas informativas em aeroportos. Outro falou também sobre o valor gasto com a construção dos estádios e os atrasos nas obras. Foi um encontro produtivo do ponto de vista que todos quiseram contar o que sabiam e assim a conversa se desenvolveu.” (diário escrito em 10/06/2014)

Conforme apresento neste diário, que escrevi após o termino deste encontro do *Communication Cafe*, o tema escolhido para abertura da conversação foi a Copa do Mundo no Brasil em 2014 e as repercussões deste assunto na mídia internacional. Tanto eu, professora/coordenadora e participante do grupo, como os outros participantes, relatamos o que havíamos lido sobre o assunto e também expressamos nossas opiniões.

Com relação a escolha deste tópico de abertura deste encontro, como coordenadora do grupo, achei que seria interessante levantar uma discussão em torno da Copa, uma vez que era um dos assuntos mais falados na ocasião, tanto no Brasil como no exterior. Como quase todos os participantes disseram algo sobre esse tema de partida neste encontro, acho relevante apontar aqui para a necessidade de atividades de conversação (em

espaços como este ou no espaço da sala de aula de inglês) que busquem tratar ou discutir temas atuais. Além da possibilidade de informar participantes/alunos(as) sobre o que acontece na atualidade, eles mesmos acabam por contruir conhecimento, ao compartilharem entre si o que sabem, leram e/ou ouviram. Percebo que neste encontro em discussão aqui, trazer um tema atual para abrir a conversa no *Communication Cafe*, serviu não apenas para criar oportunidades para a prática da produção oral em inglês, mas para tratarmos e discutirmos um assunto de nosso interesse e, nessa interação, compartilhar nossos conhecimentos.

Conforme apontam os PCNs (2000), uma língua estrangeira deve servir como porta de acesso a diversas fontes de informação, contribuindo assim para uma formação holística dos estudantes. No contexto universitário, em que este projeto de extensão, *Communication Cafe*, está locado, essa premissa também se aplica, uma vez que pode ativar o interesse dos participantes/alunos(as) na atividade de conversação e, como consequência, possibilitar a prática ou desenvolvimento de sua habilidade comunicativa na língua estrangeira. A seguir, apresento o segundo diário que será analisado neste estudo.

3.2 tema do encontro: jamaica

Neste encontro optei por convidar uma amiga jamaicana para se unir a nos, através do Skype. Ela aceitou e entrou online na hora do nosso encontro. Como em um encontro anterior havíamos mencionado algo sobre a Jamaica (acho que conflitos civis), decidi por fazermos um encontro com esse tema e recebermos uma convidada que fala inglês como língua materna. Como ponto de partida, trouxe para sala algumas curiosidades sobre a Jamaica, que achei na internet (localização, clima, lugares turísticos, famosos, culinária, língua, moeda, etc). A partir da leitura ou parafrase dessas curiosidades, percebi que os participantes elaboraram suas questões e comentários, o que colaborou para um diálogo com nossa convidada jamaicana. Esta, por sua vez, também fez algumas perguntas sobre o Brasil (comida, música), o que permitiu outras oportunidades de interação. Achei bastante produtivo no sentido em que pudemos dialogar com um falante nativo de inglês, algo difícil de acontecer nesta região do Brasil.” (diário escrito em 22/07/2014)

Neste diário, apresento o tópico de partida de um outro encontro do *Communication Cafe*, em que busquei criar oportunidades de interação entre os participantes, falantes de português como língua materna, e uma convidada jamaicana, falante de inglês

como língua materna. O assunto das discussões girou basicamente em torno de fatos e curiosidades relativas as culturas jamaicana e brasileiras, semelhanças e diferenças, etc.

A escolha deste tema de partida para este encontro se deve a minha vontade, enquanto professora/coordenadora do projeto de extensão *Communication Cafe*, de criar essa oportunidade de interação com uma pessoa falante da língua alvo (inglês). Assim como menciono no meu diário, dificilmente temos nessa região onde vivemos, a chance de interação do falantes de inglês como língua materna. Portanto, percebi que havia essa necessidade e procurei uma forma, através dos recursos tecnológicos, de fazer com que isso fosse possível. No mundo globalizado em que vivemos, em que falamos sobre os *World Englishes*, ou seja, a marca identitária de falantes de ingles advindos de diferentes lugares, é importante expor nossos alunos(as) a essas variáveis.

Em geral, em alguns de nossos encontros, percebo que os(as) participantes às vezes levantam questões, tais como: “será como um falante nativo ver isso?”, “como ele falaria isso?” ou “o que eles pensam sobre o Brasil?” Essas todas são questões que já ouvi durante os encontros do *Communication Cafe* e sempre pensava o quão bom seria se tivéssemos a chance de interagir com nativos em determinadas ocasiões, para que os(as) participantes pudessem trocar experiências e conhecimentos. Segundo Kumaradivelu (2001), enquanto educadores, e pensando em uma era pós-metodo, ou seja, em que nossas escolhas pedagógicas devem se orientar pela necessidade que identificamos em nossos contextos de ensino, “temos que observar nossas atitudes docentes, avaliar seus resultados, identificar problemas, achar soluções, e aplicá-las para ver novamente o que funciona e o que não funciona” (Notas Finais^{iv}). De fato, percebo por meio dessa experiência aqui analisada, o quanto é importante essa reflexão. E que, para a seleção dos tópicos de partida para prática da oralidade em inglês, além de analisar se o assunto será relevante para aquele grupo específico, também devemos atender a necessidade de fornecer oportunidades que, muitas vezes, alunos não teriam em outros lugares. Deste modo, é interessante pensarmos que planejamento é uma premissa que deve atender não apenas ao que o professor(a), ou no caso aqui em questão neste estudo, professora/coordenadora do projeto de extensão *Communication Cafe*, espera, mas o que o contexto em que estamos inseridos espera, ou muitas vezes, exige de nós. A seguir, algumas considerações finais.

4. CONCLUSÕES

Percebo que este estudo, que procurou abordar o lugar e a importância dos temas de abertura do grupo de conversação *Communication Cafe*, traz a tona questões relevantes e que devem ser cada vez mais discutidas por professores e pesquisadores da área de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Dentre essas questões, conforme vimos a partir da análise apresentada neste estudo, os tópicos de partida para a prática da oralidade em inglês devem atender, dentre outros aspectos: a relevância do assunto, atualidade do tema, possibilidade de construção de novos conhecimentos, exigências locais, tais como, a de ter a oportunidade de comunicação com falantes nativos em algumas ocasiões, ou com outras pessoas, e também, as exigências globais.

Deste modo, podemos dizer que observar a prática docente e avaliá-la continuamente, conforme propõe Kumaradivelu (2001), é tarefa imprescindível. O contexto no qual nos inserimos pode informar muito sobre as expectativas e necessidades que o impelem e, portanto, podemos a partir daí fazermos uma avaliação crítica de nossas práticas. Além de propiciarmos nossos alunos(as) a oportunidade de praticarem sua habilidade de expressão oral em inglês, é mister que atendemos o que esse(a) aluno(a) almeja e necessita. Isso tudo não é tarefa fácil, mas tendo em vista o mundo globalizado e cada vez mais exigente em que vivemos, é uma tarefa necessária.

Espero que este estudo possa colaborar com reflexões e discussões de docentes e pesquisadores que trabalham na área de ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Possivelmente, motivá-los ao exercício constante da busca por meios de criar oportunidades de ensino que levem em conta os integrantes do processo e suas possibilidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.* Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.

_____. Ministerio da Educacao, Secretaria de Educacao Basica. *Orientacoes Curriculares para o Ensino Medio*. Brasilia: MEC/SEF, 2006.

CELANI, Maria Antonieta Alba. *Professores e Formadores em Mudança: Relato de um Processo de Reflexão e Transformação da Prática Docente*. Campinas: Ed. Mercado de Letras, 2002.

CELANI, Maria Antonieta Alba (em entrevista). Por: Daniela Almeida. Revista Nova Escola, 2012. Acesso em: 01/01/2014 as 13:00 hrs. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-estrangeira/fundamentos/nao-ha-receita-ensino-lingua-estrangeira-450870.shtml>

CONNELLY; CLANDININ, D. *Narrative Inquiry: Experience and story in qualitative research*. Sao Francisco: Wiley, 2000.

ELY, Margot; **VINZ**, Ruth; **DOWNING**, Maryann; **ANZUL**, Margaret. *On Writing Qualitative Research: living by words*. London: RoutledgeFalmer, 1997.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessarios a pratica educativa*. Sao Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOLMES, John. The Teacher as a Researcher. *Working Papers*, n.17. Sao Paulo: CEPRIL, PUC/SP, 1986.

HOUAISS. *Dicionario eletrónico da lingua portuguesa*. Versao 1.0. Instituto Antonio Houaiss, 2001.

KUMARADIVELU, B. Toward a Postmethod Pedagogy. *TESOL Quarterly*, 35, 4, 537-560, 2001.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Oficina de linguística aplicada: A natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de linguas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

SCOVEL, Tom. *Learning New Languages: A Guide to Second Language Acquisition*. Boston: Thomson Learning, 2001.

i A story about Oliver Wendell Holmes, the nineteenth-century American author and professor of medicine, tells how he happened to be walking along the beach one afternoon and spied a little girl playing in the sand. Prompted by a spontaneous childlike instinct, he decided to sit down and join in her play. They had a great time together, the distinguished jurist and the small child, but as the sun began to lower in the sky, the little girl realized it was time to go. As she got up to leave, Holmes became a bit more serious and instructed her, "When you get home be sure to tell your mommy that you played with Professor Oliver Wendell Holmes". Without a pause, the child responded with equal seriousness, "And when you get home, be sure to tell your mommy that you played with Mary Ann Smith!"

(In: SCOVEL, Tom. *Learning New Languages: A guide to second language acquisition*. Thomson Learning, 2001.)

ii People are the bridge between the world of children and their new world of language.

(In: SCOVEL, Tom. *Learning New Languages: A guide to second language acquisition*. Thompson Learning, 2000.)

iii More important, as we have already seen from the PLACE perspective adopted by this book, language learning is much more than an economic or even a social phenomenon; it is more significantly determined by social psychological factors. This implies

that “social distance” is better measured by internal measures, such as our attitudes toward the speakers and toward the society of the language we are attempting to learn, rather than by external variables such as socioeconomic class.
(In: SCOVEL, Tom. Learning New Languages: A guide to second language acquisition. Thomson Learning, 2001.)

iv “...teachers are entrusted with “observing their teaching acts, evaluating their outcomes, identifying problems, finding solutions, and trying them out to see once again what works and what does not”.
(In: KUMARADIVELU, B. Toward a Postmethod Pedagogy. TESOL Quarterly, 2001).

Realização



Apoio

